



Rola-bosta: metalinguagem do pensar antropofagia-coprofagia

Dung beetle: metalanguage of anthropophagy-coprophagy thinking

Eduardo Nazareth PAIVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro

edu@coc.ufrj.br

Abstract. *Excreted things, in general, do not arouse as much interest as that aroused by the spectacle of odorless images, full of humanities and urbanities that inhabit our paper pages, computer and cell phone screens. This scenario preferentially keeps the droppings away from the seven holes of the thinking heads. I think of this sanitized place as the place of production of the dominant thought of our humanity, written language. At the other extreme, in distant places, are sewage treatment plants or submarine outfalls that taking excreta far away, beyond the reach of human vision, thus producing an excreted metalanguage. On the one hand, civilized humans, in their private life, they see daily with a certain contempt their excrements in their own latrines and, eventually, on their toilet papers. On the other hand, the dung beetle lives a reality opposite to this, that is, its daily life is to manipulate and devour excrements with the objective of taking them to some hole where the reproduction of its species will occur. So, the shit is your existential goal. The metaphor of the dung beetle interests me when I see it as an actor-network of border in the continuum anthropophagy-coprophagy. In the centenary of the 1922 Modern Art Week, virtually the hole of the Anthropophagic Movement, this work aims to reflect in a hybrid way mixing anthropophagy with coprophagy, aligning itself with Glauco Mattoso in the criticism of how much we think without excrement. In other words, practically, a hundred years without an anus!*

Keywords: *Anthropophagy. Coprophagy. Symmetry. Actor-Network. Dung Beetle.*

Resumo. As coisas excretadas, em geral, não despertam tanto interesse quanto o despertado pelo espetáculo de imagens inodoras, cheias de humanidades e urbanidades que habitam nossas páginas de papel, telas de computadores e celulares. Este cenário mantém preferencialmente os excrementos longe dos sete orifícios das cabeças pensantes. Penso nesse lugar higienizado como o lugar de produção do pensamento dominante de nossa humanidade, a linguagem escrita. No

outro extremo, em lugares distantes, estão as estações de tratamento de esgoto ou emissários submarinos que levam os excrementos para longe, fora do alcance da visão humana, produzindo assim uma metalinguagem excretada. Por um lado, os humanos civilizados, em sua vida privada, veem diariamente com certo desprezo seus excrementos em suas próprias latrinas e, eventualmente, em seus papéis higiênicos. Por outro lado, o besouro rola-bosta vive uma realidade oposta a esta, ou seja, seu cotidiano é manipular e devorar excrementos com o objetivo de levá-los a algum buraco onde ocorrerá a reprodução de sua espécie. Então, a merda é seu objetivo existencial. A metáfora do rola-bosta me interessa quando o vejo como ator-rede de fronteira no continuum antropofagia-coprofagia. No centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, praticamente o buraco do Movimento Antropofágico, este trabalho pretende refletir de forma híbrida misturando antropofagia com coprofagia, alinhando-se com Glauco Mattoso na crítica do quanto pensamos sem excremento. Ou seja, praticamente cem anos sem ânus!

Palavras-chave: Antropofagia. Coprofagia. Simetria. Ator-Rede. Rola-bosta.

Recebido: 10/03/2023 Aceito: 20/04/2023 Publicado: 09/05/2023

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.402

1. Introdução: Abra a boca e feche os olhos!

— Era uma vez uma vaca amarela,
quem falar primeiro come a bosta dela!
(ANDRADE, M., 1928: 114)

Por onde começar? O que considerar? Por onde me orientar? O que devorar?

Lembro-me dos tempos de ensino fundamental, quando e onde aprendi a recitar os pontos cardeais começando sempre pelo Norte. O Norte Magnético, a agulha da bússola, a Estrela Polar no firmamento deles, tudo parece conjurar para que o Norte seja a referência mais importante e que deveria, segundo eles do Norte, estar em cima e que estes princípios referenciais deveriam nos nortear. O Sul fica para atrás, em geral demonstrado por alguma figura humana de braços abertos.

Eu estou aqui ao Sul do mundo. Torquato Neto, Gilberto Gil e Caetano Veloso disseram que estou no fim ou no cu do mundo. (Marginália II, 1967. O Cu do Mundo, 1991). Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. E tem também carnaval, como disse Jorge Ben Jor (Canção País Tropical, 1969). Mas, não vejo a Estrela Polar. Será que comi merda quando criança? Mas que temos nós com isso?

Se você continuar a me seguir eu conto pelo caminho.

De antemão confesso que sou um amante dos preâmbulos, dos hifens e das reticências.

Tenho também uma aproximação com algumas ideias inspiradas na literatura e arquitetura brutalistas, inclusive aquelas de ordem textual. Não obstante, sou alguém preocupado com as ubiquidades, com as obsolescências e com as irreversibilidades, coisas muito ligadas às abordagens construtivistas das tecnologias (CALLON, 1995).

Feito este preâmbulo, gostaria de convidar a você, leitor resiliente que continua comigo até aqui, a fazer duas viagens metafóricas e ficcionais. Ao usar metáfora e ficção, penso que seria pertinente refletir sobre este contínuo ficção-realidade.

Sobre metáforas:

Sem risco de incorrer em exageros, pode-se dizer que, com a defesa nessa obra da ideia de que as metáforas não são meros floreios literários ou estilísticos, e sim um recurso linguístico tão poderoso a ponto de estruturar a linguagem, a percepção da realidade, o pensamento e as ações humanas – daí a alegação de que vivemos por metáforas. (SILVA, G., 2021; LAKOFF & JOHNSON, 2003)

Ainda sobre as metáforas, o italiano Giorgio Parisi, Nobel de Física de 2021, declarou: “Na ciência são muito importantes as metáforas. Porque ajudam as pessoas a raciocinarem” (BARONE, 2021).

O Simpósio Nacional CTS, evento bienal organizado pela ESOCITE.BR (2021), na edição de 2021, realizada no período de 10 a 16 de outubro de forma totalmente virtual em função das imposições criadas pela pandemia de COVID-19 teve em sua programação o fórum *10 ANOS DE ESOCITE.BR: NOVAS AGENDAS CIENTÍFICAS PARA A SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO*. O Professor Guilherme Sá, inspirado em algumas ideias de Giorgio Parisi, Nobel de Física de 2021, encerrou o fórum com a seguinte pergunta:

— Quais serão as metáforas que nós ajudaremos a construir?

Este trabalho é uma tentativa de construção de uma delas.

Sobre as percepções da realidade, coisa enfrentada pelas metáforas, ousei repetir parte do diálogo entre o pensador francês Bruno Latour (* 22/06/1947 † 09/10/2022) e um pesquisador e psicólogo brasileiro, ocorrido em um intervalo do WENNER-GREN FOUNDATION INTERNATIONAL SYMPOSIUM (1996), em junho de 1996 em Teresópolis. Segundo descreveu o próprio LATOUR: “Ele me convidara a encontrá-lo num local tão esquisito quanto a sua pergunta: à beira de um lago, próximo do chalé, estranha imitação de resort suíço localizado nas montanhas tropicais de Teresópolis, Brasil”. O pesquisador e psicólogo brasileiro perguntou a Latour: “- Você acredita na realidade?”. Ao que Latour respondeu: “Mas é claro!”. Latour ri e continua: “Que pergunta! A realidade é algo em que temos que acreditar?”.

A reflexão e aprofundamento deste diálogo, independente do leitor acreditar ou não na

realidade e das dificuldades em percebê-la e explicá-la, podem ser encontradas, por exemplo, na obra de Bruno Latour. (LATOURE, 2001, p.13).

Aviso que, nessa viagem pelo território antropofagia-coprofagia, levarei na minha maleta de primeiros socorros algumas poucas coisas, dentre elas algumas sementes de pensamento selvagem. Seguiremos um ator-rede, o besouro rola-bosta, para alguns rola-bostas. A viagem será através dos manifestos antropófago (ANDRADE, 1928) e coprofágico (MATTOSO, 2001, p.11). Antes, porém, me deixem descrever, de maneira, praticamente, minimalista, o que penso ser o nosso guia de viagem, um pressuposto ator-rede. Como diz aquele ditado: “Diga-me com quem andas que te direi quem és!”. Direi então com quem andaremos, ou melhor, quem seguiremos. Segundo LATOUR (2012, p. 312): “um ator-rede consiste naquilo que é induzido a agir por uma vasta rede, em forma de estrela, de mediadores que entram e saem. Suas muitas conexões lhe dão a existência: primeiro os vínculos, depois os atores”.

2. Umas sementes de pensamento selvagem na arte da metáfora

Segundo Eduardo Viveiros de Castro:

A arte é, para Lévi-Strauss, como um refúgio ecológico do pensamento selvagem dentro do mundo racionalizado e tecnicizado das sociedades modernas. Na arte, ainda é lícito sermos “selvagens”, no bom sentido que o adjetivo sempre tem na pena de Lévi-Strauss. (VIVEIROS DE CASTRO, 2009)

O próprio Lévi-Strauss em uma de suas obras escreve:

[... seja isso deplorável ou motivo de alegria, conhecem-se ainda zonas onde o pensamento selvagem, tal como as espécies selvagens, acha-se relativamente protegido: é o caso da arte, à qual nossa civilização concede o estatuto de parque nacional, com todas as vantagens e os inconvenientes relacionados com uma fórmula tão artificial; e é sobretudo o caso de tantos setores da vida social ainda não desbravados onde, por indiferença ou impotência e sem que o mais das vezes saibamos por que, o pensamento selvagem continua a prosperar...] (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.245)

3. O besouro rola-bosta e a coprofagia

[... Oncinha pintada,
Zebrinha listrada,
Coelhinho peludo,
Vão se foder!

Porque aqui na face da terra

Só Bicho escroto é que vai ter!...]

(Trecho da letra da música “Bichos Escrotos” do Titãs
- Álbum Cabeça de Dinossauro Ao Vivo – 2012).

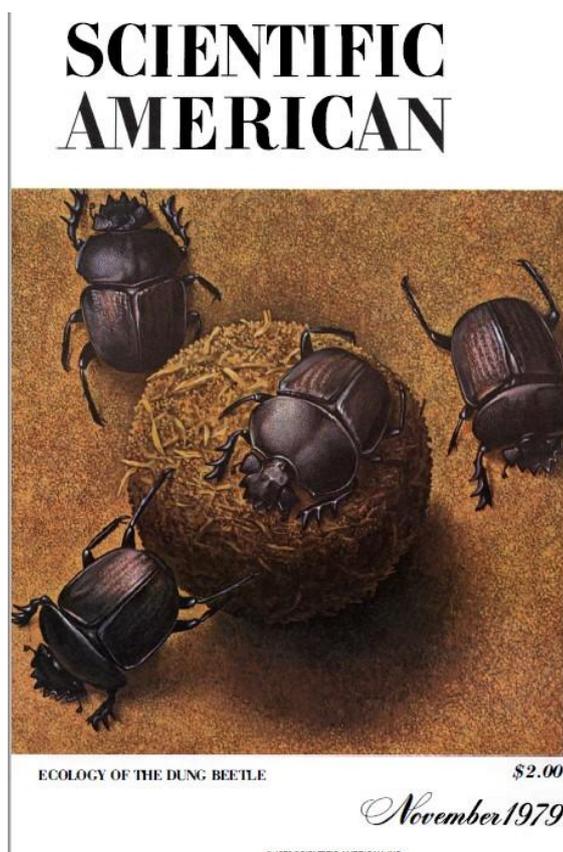


Figura 1 - Capa da SCIENTIFIC AMERICAN (ISSN 0036-8733), 241(5) (1979)

Fonte: <https://www.scientificamerican.com/issue/sa/1979/11-01/>

Os besouros rola-bosta pertencem a superfamília Scarabaeoidea, família Scarabaeidae e subfamília Scarabaeinae. Os Scarabaeoidea são organismos encontrados em praticamente todos os biomas do planeta. Eles utilizam principalmente fezes de mamíferos para sua alimentação (ROCHA, 2016).

Os rola-bostas mais comuns formam bolas de fezes e as transportam, rolando-as normalmente com as tíbias do último par de pernas para longe da fonte de alimento. Os rola-bostas adquirem os recursos da sua prole antes mesmo da postura dos ovos, estratégia que visa aumentar a sobrevivência da mesma, já que a larva eclode em meio ao alimento e não se arrisca forrageando (ZUNINO, 1991) (Figuras 1 e 2). De acordo com a EMBRAPA:

Esse procedimento tem vários efeitos positivos: 1) incorporação de matéria orgânica ao solo, contribuindo para melhoria da fertilidade do solo e para o sequestro do carbono; 2) incorporação do nitrogênio das fezes ao solo (normalmente o nitrogênio das fezes se perde por volatilização da amônia ou formação de N_2); 3) a abertura dos túneis (do diâmetro aproximado de um dedo e de até 60 cm de profundidade) resulta em melhorias nas propriedades físicas do solo (descompactação) e aumento aeração do solo (favorecendo aos microrganismos que aí atuam) e da infiltração das águas das chuvas com redução do seu potencial erosivo. Há também maior disponibilidade de água no solo para absorção pela pastagem. Diversos produtos usados para

controle de parasitas, vermes, moscas e carrapato, deixam resíduos nas fezes e matam as larvas do besouro. (EMBRAPA, 2012)

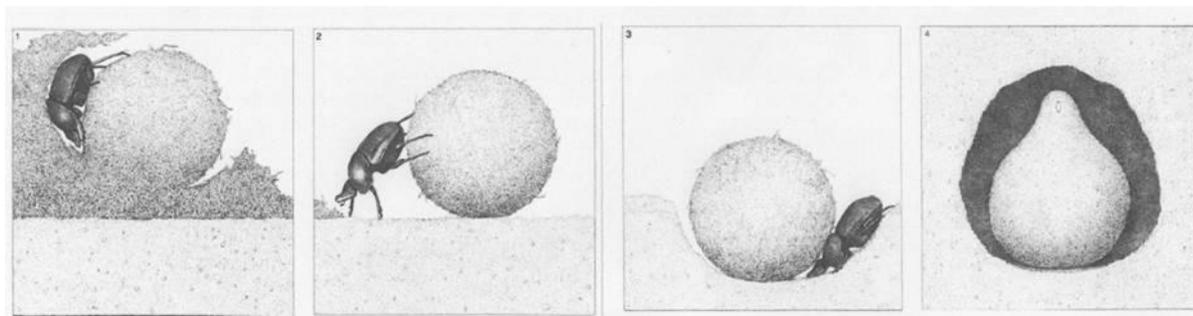


Figura 2 - Rotina de uma fêmea Rola-bosta da espécie *Kheper aegyptiorum* é retratada: Ela primeiro corta o material de esterco para depois moldá-lo (1). Quando a bola está formada, ela começa a rolar para o seu cemitério-maternidade (2), de pé sobre as patas dianteiras e empurrando com as patas traseiras da maneira usual dos escaravelhos africanos. Uma vez que um local adequado foi encontrado, ela escava onde ela vai enterrar a bola, podendo o buraco chegar a meio metro da superfície (3). Após a bola ter sido enterrada (4) a fêmea Rola-bosta põe um único ovo nele. A bola servirá de alimento para a larva.

Fonte: Imagens extraídas das páginas 152 e 153 do artigo “The Ecology of the African Dung Beetle” de autoria de Bernd Heinrich e George A. Bartholomew, ilustração de Tom Prentiss, publicado nas páginas 146 a 157 da Revista SCIENTIFIC AMERICAN (ISSN 0036-8733). November 1979. Volume 241. Number 5. Nova Iorque. EUA.

3.1. Seguindo o rola-bosta em sua trajetória

Metaforicamente, seguirei primeiramente um bolo alimentar ao longo de sua trajetória através do aparelho digestivo, desde o seu primeiro processamento na boca até a sua saída pelo ânus, já como bolo fecal. A partir daí, parafraseando MIGNOLO (2005, p.33), farei aqui uma tentativa selvagem de plantar uma bananeira e ousar fazer uma abordagem de rabo a cabo. Tentarei com isso uma receita que levará ingredientes como as ideias decoloniais, os parangolés de Hélio Oiticica e o tropicalismo.

Pensei no bolo alimentar como sendo constituído de um bom prato de uma virtual feijoada de samba, como aquelas da Tia Surica da Portela, de Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Não sem antes consumir uma caipirinha caprichada. A trilha sonora para esta degustação bem que poderia ser um típico partido-alto, daqueles normalmente executados nos terreiros e quadras das escolas de samba mais tradicionais e marcadamente brasileiras. Hélio Oiticica diria que este ambiente virtual é “uma necessidade vital de desintelectualização, de desinibição intelectual, da

necessidade de uma livre expressão”. Consigo me imaginar nesse ambiente devorando aquele prato, experimentando e apreciando uma mistura de sabores e sons invadindo os sete buracos da minha cabeça.

Finda a degustação e o partido-alto, volto para casa, meu atual home office.

Ali reencontro outro ambiente, com outras companhias.

O ambiente de meu lugar de trabalho é habitado atualmente pelo notebook, pela Internet, pelo editor de texto, pelo navegador, pelos livros tipo ebook, pelas referências bibliográficas tiradas do Portal da CAPES, caneta tipo BIC, papel tipo CHAMEX etc. Esta parafernália perfaz um outro ambiente, repleto de coisas que, hegemonicamente, vêm de fora.

Para enfrentar este estranhamento reflexivo diante deste cenário cheio de “coisas vindas de fora”, irei ao encontro, “lá fora”, dos conhecimentos veiculados na academia brasileira, em geral, oriundos das sociologias das associações, dos estudos de laboratório, dos estudos de ciência, tecnologia e sociedade, denominados genericamente em seus países de origem de “Science Studies”, “Science and Technology Studies”, “Science, Technology, and Society”, etc. (CALLON; LAW, 1982; WOOLGAR, 1982; CALLON, 1995; LAW, 1991; LAW, 1999; LATOUR, 2000; SISMONDO, 2010). Já aqui no Brasil, irei em busca do pensamento antropofágico como uma alternativa estratégica para enfrentar esta convivência dos nossos artefatos culturais “aqui de dentro” com aqueles artefatos tecnológicos, hegemonicamente vindos “de fora”.

Escrevendo de outra forma, para dar conta do envolvimento e mistura daquilo que “vem de dentro” com aquilo que “vem de fora” eu farei uso do chamado movimento antropofágico. Este movimento, ou pensamento, pode ser visto ou consumido com uma espécie de ousadia de pensar os limites do conhecimento científico, em geral, “vindo de fora”, visto, em geral, como “universal”. A estratégia antropofágica é ousar aproveitar da ciência, aproveitar do que o estrangeiro tem de bom, mas ser capaz de resistir quando o que ele traz não nos serve ou não nos beneficia (MARQUES 2019).

Para tentar apoiar, ainda mais, esta minha alternativa estratégica de buscar no pensamento antropofágico uma saída para este desafio de precisar conviver e tentar superar esta hegemonia dos artefatos e da ciência que, hegemonicamente, vem de fora, usarei das palavras do Professor Eduardo Viveiros de Castro durante o Simpósio ESOCITE.BR 2015, realizado na UFRJ, às 11:00 h do dia 14 de outubro de 2015 em sua conferência de título: *O que teria um antropólogo que estuda os povos indígenas a dizer perante a ESOCITE.BR ?*.

Viveiros de Castro nos alerta para os processos de coisificação, em curso:

A coisificação de pessoas é cada vez mais intensa em nosso século XXI aumentando a confusão entre pessoas e coisas através da convivência cada vez mais ubíqua com próteses, ciborgues, computadores, chips, redes de comunicação informática (redes sociais), inteligência artificial, estatutos das identidades eletrônicas (correios, bancos, medicina, educação, reunião, trabalho etc.) tornando a distinção nítida entre pessoas e coisas cada vez mais difícil e quase que inexequível. A própria denúncia clássica marxista da confusão

fatal entre pessoas e coisas, do fetiche da mercadoria que, de alguma forma, transforma de forma fantasmagórica as mercadorias em coisas com o trabalho humano incorporado, hoje, podemos constatar que este fetiche é muito mais factual do que fatal. (ESOCITE.BR, 2015)

Viveiros de Castro, nesta mesma conferência, nos provoca a pensar nas diferenças fundamentais entre as cosmologias antigas (ou selvagens) e as científicas (ou modernas):

Qual é o valor de sobrevivência das diferentes cosmologias experimentadas pela espécie humana? É fato que as cosmologias antigas possuem valor de verdade infinitamente inferior às nossas cosmologias científicas e as nossas ciências, diriam os modernos, os científicos. Ainda que as inquietudes dessas cosmologias antigas não sejam mais consideradas atualmente assim tão absurdas quanto no passado recente, do ponto de vista da teoria da evolução, a verdade está subordinada à sobrevivência diferencial de uma espécie. Mas, à luz dos desafios atuais, qual o valor de sobrevivência dessas cosmologias antigas? Qual seria o seu fitness (das capacidades de aptidão), nos termos veiculados pelos sócio biólogos e darwinistas de plantão? Se quisermos sermos científicos, sejamos até o fundo. Num certo sentido, do ponto de vista global, no que diz respeito à sobrevivência diferencial dos humanos no nosso pequeno cosmo, pode ser que o segredo desta sobrevivência diferencial dos humanos pode estar na mão dessas intuições filosóficas fundamentais que guiam as chamadas cosmologias antigas, até porque elas têm se mostrado, do ponto de vista precisamente do seu valor de sobrevivência, aparentemente até agora, muito mais eficazes do que o valor de verdade que a nossa ciência produziu como correlativo de um modo de vida absolutamente destrutivo de suas próprias condições de existência. (ESOCITE.BR, 2015)

E Viveiros de Castro conclui nos deixando questões:

Fica a questão: O que fazer diante desta situação em que nós sabemos muito, mas não podemos fazer nada ou muito pouco? Será que isto basta para nos consolar? Digamos assim. Vamos morrer sabendo? Ou será que existiria uma outra forma de imaginar a relação com o mundo? Uma forma de imaginar esta relação que pode não ser cientificamente correta, mas que ela tem efeitos práticos concretos, infinitamente mais adequados para manter a vida humana dentro dos parâmetros termodinâmicos que acolheu nossa vida durante os últimos onze mil, vinte mil, trinta mil, cem mil anos se consideramos a espécie como um todo. Qual das duas? Quem tem que aprender o quê com quem? Esta é a questão que deixo para vocês. (ESOCITE.BR, 2015)

Continuemos a seguir o nosso metafórico e mutante bolo alimentar com todos os riscos envolvidos (indigestões, azias etc.). Daqui a pouco eu precisarei ir ao banheiro para libertar aquilo que foi bolo alimentar e que será a partir de então bolo fecal, enfrentando outros riscos (prisões de ventre, diarreias etc.). Nesta dinâmica, o trabalho de descrever este ator-rede mutante, o bolo alimentar-fecal, me levará a um pensamento também híbrido, ou seja, uma pegada antropófaga- coprofágica.

Esta pegada antropófaga-coprofágica estará representada por duas expressões marcantes desses pensamentos que serão vistas e trabalhadas aqui como as estrelas de nosso Cruzeiro do Sul, como nosso sul imagético e como a agulha de nossa bússola tropicalizada. Estas expressões são: o Manifesto Antropófago (ANDRADE, 1928) e o Manifesto Coprofágico (MATTOSO, 2001, p. 11).

3.2. Intestino delgado ou fino

Perguntei a um homem o que era o Direito.
Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade.
Esse homem chama-se Galli Mathias. Comi-o.
(ANDRADE, 1928)

Continuando a minha metafórica digestão, como nos diz Júlio Diniz, professor da PUC-RJ, pesquisador de música e poesia:

A antropofagia oswaldiana é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e reconciliada do bom selvagem, mas segundo o ponto de vista desabusado do mau selvagem, devorador de brancos. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma transvalorização: uma visão crítica da história como função negativa (Nietzsche) capaz tanto de uma apropriação como de desapropriação, desierarquização e desconstrução.
(DINIZ, 2017)

A potência e as possibilidades desta estratégia oswaldiana (RUFFINELLI; ROCHA, 2011), tanto quanto daquelas glaucomattosianas, são coisas, por um lado, ainda vistas como cheias de controvérsias, de contradições, de paradoxos e de polêmicas de toda ordem, vide a repercussão da matéria envolvendo a antropofagia e o presidente brasileiro em exercício em 2022 Jair Messias Bolsonaro (THE GUARDIAN, 2022). Mas, por outro lado, elas têm se demonstrado como alternativas cheia de associações e que podem oferecer interessantes instrumentos analíticos para os Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Seguindo esta linha de raciocínio Lara Costa em entrevista a Zé Celso em dezembro de 1997, nos camarins do Teatro Oficina, durante a temporada da peça “Rei da Vela”, inspirada no livro homônimo de Oswald de Andrade, nos apresenta um pouco desta visão desta potência e possibilidades do pensamento antropofágico oswaldiano com:

Oswald ainda é um desconhecido para o mundo, mas eu tenho a impressão de que o tempo fará justiça com ele. Cada geração que entra em contato com a obra dele se alimenta. Ele é uma espécie de Nietzsche brasileiro. Aliás, nós conseguimos realizar no Brasil, no tropicalismo, o que Nietzsche sonhou fazer e não conseguiu: a ópera de carnaval, o que ele queria fazer com Wagner, tanto que ele adorava Carmem, e queria realmente uma ópera solar. E isso nós conseguimos (COSTA, 2011, p.71-83).

Assim, pegando emprestado um dos aforismos oswaldianos de seu *Manifesto Antropófago: só me interessa o que não é meu*. (ANDRADE, 1928).

3.3. Intestino grosso

[... Aqui, meu pânico e glória
Aqui, meu laço e cadeia
Conheço bem minha história
Começa na lua cheia
E termina antes do fim
Aqui é o fim do mundo...]

(Trecho extraído da letra da música *Marginália 2* – Álbum Gilberto Gil de 1968)

Nas artes, em especial no teatro, é de praxe os artistas se desejarem “Merda!” antes de suas performances. É uma forma estilosa de dizer “Boa Sorte!”.

Uma das explicações mais aceitas é de que esta tradição remontaria aos séculos XV e XVI quando a afluência do público às casas de espetáculos europeias era feita através de carruagens puxadas a cavalo. Daí que quanto mais carruagens, mais cavalos. Mais cavalos, mais estrume. Mais merda, mais público, mais sucesso. Neste sentido, permita-me, desejo “Merda!” para você, leitor deste trabalho. Lembrando que também é de praxe ou responder nos mesmos termos, “Merda!” ou ficar em silêncio, sem agradecer. (DEL FRATE, 2021)

Por outro lado, existe um provérbio português que diz: “Merda, quanto mais se mexe, mais fede”. Este provérbio será aqui também experimentado ao tentarmos misturar e mexer o pensamento antropofágico oswaldiano com o pensamento coprofágico glaucomattosiano. Segundo CAIXETA (2021, p. 69): “Ao assumir a merda como ‘reciclagem’ do que foi digerido, Mattoso também se coloca como um recolhedor daquilo que é excretado ou até mesmo daquilo que não passou por digestão, seja por contrariedade do gosto ou por negligência estética antropofágica”.

Já Oswald de Andrade nos coloca em contato com o solo brasileiro quando nos diz em seu *Manifesto Antropófago* (ANDRADE, O. 1928): “Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. O instinto Caraíba. Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia. Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo”.

Mas, qual seria o aglomerante que faria esta ligação simétrica generalizada e grosseira do pensamento antropofágico com o coprofágico?

Segundo LATOUR (1994, p.96), de acordo com o princípio da simetria generalizada, o pesquisador CTS deve seguir o seu ator-rede ao longo do território por ele atravessado, no caso aqui, o contínuo antropofágico-coprofágico. Por precaução, tentarei não me ater à realidade externa para explicar as coisas da sociedade no entorno, ou usar jogos de poder para explicar o que molda esta realidade externa. Da mesma forma, em minhas observações e análises não deverei alternar do realismo natural para o realismo sociológico e vice-versa, evitando usar ou a Natureza ou a Sociedade como grandes explicações para os desvios e controvérsias envolvendo o meu ator-rede escolhido.

A minha análise e narrativa deverá se ater às semióticas das materialidades (LAW, 1999, p. 4) nas quais ora o ator se apresenta como uma rede, dada a sua complexidade e multiplicidade, e ora a rede na qual ele está inserido se comporta como um ator, dada a sua sincronicidade e unidade.

As relações dos humanos com a natureza envolvem questões de várias naturezas e humanidades (HARDING, 1986; SHAPIN; SCHAFFER, 1985).

A partir desses pressupostos, o nosso guia, porta-voz e missionário rola-bosta segue a sua trajetória em solo brasileiro, num contínuo híbrido antropofagia-coprofagia. O besouro rola-bosta ao manipular, devorar e rolar mutantes bolos fecais para algum buraco onde ocorrerá a sua reprodução quer nos mostrar muitas coisas metafóricas que podem nos ser úteis em nossas caminhadas mundo afora.

Este ambiente em que a bosta evacuada é devorada e rolada pelo rola-bosta até um buraco onde esta mesma bosta se tornará novamente bolo alimentar da futura cria, dos filhotes de rola-bosta, que terão naquele buraco o seu primeiro habitat e onde aprenderão o seu modus operandi na luta por sua sobrevivência de sua espécie. Viagem concluída por nosso guia.

3.4. Papo reto (1922-2022: Semana de Arte Moderna – cem anos sem ânus)

[... O cu do mundo, esse nosso sítio...]
(Trecho da letra da música “O Cu Do Mundo”.
Caetano Veloso – Circuladô – 1991)

Metaforicamente, vamos rolar esta bosta com nosso ator-rede? O que temos escrito em nossa caderneta de campo? O que observamos? O que refletimos? Quais seriam as bostas que preciso ou precisamos rolar atualmente? Pessoalmente, vivo cheio de bostas ao meu redor. Apenas para tentar mostrar a potência deste instrumento analítico do nosso ator-rede rola-bosta, abordaremos a bosta enquanto indicadores de saneamento no Brasil, ou seja, trataremos do tratamento das bostas brasileiras a partir das taxas de saneamento básico nas cidades brasileiras e do próprio Brasil.

De acordo com os dados de 2020 do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento do Brasil, cerca de metade da população e do esgoto brasileiros são tratados (55%), sendo, entretanto, esta distribuição da população atendida por região muito desigual, qual seja: Região Norte 13,1%, Região Nordeste 30,3%, Região Sul 47,4%, Região Centro-Oeste 59,5% e Região Sudeste 80,5%. (SIS, 2019). Ou seja, uma diferença de mais de seis vezes no índice de atendimento total de esgoto entre regiões do Brasil.

Outro número que mostra esta desigualdade é aquele que mostra que 14 das 20 cidades brasileiras mais bem posicionadas no Ranking do Saneamento estão nos Estados de São Paulo e Paraná (INSTITUTO TRATA BRASIL, 2022). O Brasil é um dos países com maior quantidade de água potável no mundo em potencial, mas trata mal os seus esgotos. Como diria Tom Jobim: “Viver no exterior é bom, mas é uma merda. Viver no Brasil é uma merda, mas é bom.”

Poderíamos analisar outras tantas bostas, como a bosta que rolamos através do Índice de Percepção da Corrupção do Brasil que mostra que, de acordo com o Relatório da Transparência Internacional de 2021, o Brasil se encontra, praticamente estagnado, na 96ª posição entre 180 países (TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL, 2021). A operação Lava Jato é emblemática, inclusive

metaforicamente, em nossa rola-bostagem. Também poderíamos analisar a rola-bostagem na pandemia de COVID-19 em nosso país, na Confederação Brasileira de Futebol etc.

4. Suposições finais ou supositórios para os anais do fim do mundo

Como humanista, eu amo a ciência.
Odeio a superstição, que jamais poderia ter nos dado bombas atômicas.
(VONNEGUT, 2009, p.25)

O trabalho buscou abordar de maneira indisciplinar (PAIVA; TURCO, 2017) possíveis diálogos das ideias oswaldianas com as ideias glaucomattosianas. Buscou também explorar algumas possibilidades oriundas das sociologias das associações, da Teoria Ator-Rede (ALZAMORA, ZILLER e COUTINHO, 2021). Também se inspirou em alguns princípios da Escola de Annales, ou seja, tentando “um novo tipo de história” – com pesquisa interdisciplinar, com uma história voltada para problemas, com uma história da sensibilidade etc (BURKE, 1991, p.26; NAVEIRA, 2003). Enfim, o trabalho buscou explorar as metáforas e com elas inspirar reflexões. Algumas dessas metáforas, como a do rola-bosta, foram inspiradas em pensamentos, literaturas e artes antropofágicas-coprofágicas com sementes e inconstâncias das almas selvagens (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Como diria Gilberto Gil, eu, brasileiro, confesso minha culpa, meu pecado, meu sonho desesperado, meu bem guardado segredo. Confesso também minha aflição diante das ditas indissociabilidades entre a natureza e a cultura. Ou em relação àquelas apregoadas indissociabilidades entre a ciência, a tecnologia e a sociedade. Ou ainda com aquelas indissociabilidades constitucionais entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias. O leitor poderá julgar se consegui traduzir ou se o que fiz foi trair às ideias e pensamentos veiculados (LAW, 2003).

Supondo que eu esteja levando esta minha bosta para o meu buraco, eu terminaria aqui este meu rastro. Mas não sem antes relatar uma cena que mistura ficção, metáfora e realidade. Nesta cena eu encontro o conterrâneo irmão antropófago Morubixaba Cunhambebe em sua refeição antropofágica. Não resisto e o repreendo em gestos. Ele, cordialmente, traduzido ou traído, me responde assim:

- “Sou uma onça. Não amole, é gostoso”. (AZEVEDO, 2016, p.36-37)

Eu, chapado, retruco mental e gestualmente:

- “Penso, logo cago” (MATTOSO, 2001, p. 11)

E ele parece querer me responder, de forma selvagem, algo como:

- “Você não fede nem cheira, seu rola-bosta, escaravelho capitalista”. (SÁ, 2012, p. 49)

Coprofágica e antropofagicamente eu poderia retrucar:

- Não me ofendes assim. Fico orgulhoso ao ser chamado de rola-bosta. Com a ação coprofágica do rola-bosta, melhorias do solo são possibilitadas pelos seus movimentos de

entrada e saída de seus buracos, construídos visando a sua procriação, levando excrementos para a sobrevivência de seus descendentes, em ação carregada de ecologia e biogeografia. (HEINRICH; BARTHOLOMEW, 1979; SILVA, R., 2015).

- O rola-bosta é estrela na rede de combate a uma das principais ameaças da pecuária brasileira: a mosca-dos-chifres (*Haematobia irritans*). Esta mosca estrangeira, originária da Europa, chegou no Brasil através da importação de gado (VALÉRIO; GUIMARÃES, 1983)

Para nós brasileiros e para tantos, o rola-bosta cumpre o papel antropofágico de coprofagicamente devorar o estrangeiro e impedir dele aquilo que não nos serve ou não nos beneficia. Aliás, quem me dera se eu conseguisse fazer pelo meu país o que faz o rola-bosta, um ator-rede de respeito.

[...ó merda com teu mar de urina
com teu céu de fedentina
tu és meu continente terra
fecunda onde germina
minha independência
minha indisciplina
és avessa
foste cagada da vagina
da américa latina...]

(Trecho do Manifesto Coprofágico de Glauco Mattoso. JORNAL DOBRABIL. Ed. Iluminuras. São Paulo. 2001, p. 11)

Agradecimentos

Agradeço ao HCTE-UFRJ pela oportunidade de expor este meu trabalho. Agradeço também pela convivência dentro da Linha de Pesquisa dos Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade e pelos diálogos com colegas do Grupo de Pesquisa NECSO (Núcleo de Estudos de Ciência e Tecnologia e Sociedade).

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- ALZAMORA, Geane, ZILLER, Joana e COUTINHO, Francisco Ângelo. Orgs. **Dossiê Bruno Latour**. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2021.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma [recurso eletrônico], o herói sem nenhum caráter. 1928. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter– 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019 – (Série prazer de ler; n. 10 e-book). Reprodução do original. 1928.

ANDRADE, Oswald de. **Revista de Antropofagia**, Ano I, No. I, maio de 1928.

AZEVEDO, B. **Antropofagia – palimpsesto selvagem**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2016.

BARONE. Luza Tancredi. Giorgio Parisi, Nobel de Física: **Saber como funciona o voo dos estorninhos pode servir para entender a moda**. El país. Ciência. Roma - 12 OCT 2021 - 10:41 BRT. Disponível na URL: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-10-12/giorgio-parisi-nobel-de-fisica-saber-como-funciona-o-voo-dos-estorninhos-pode-servir-para-entender-a-moda.html> acesso em 18 de out de 2022.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. Tradução de Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida. **Eu escolho a merda: o modernismo coprofágico de Glauco Mattoso**. REVELL (Revista de Estudos Literários da UEMS) – ISSN: 2179-4456 - 2021 – v.1, nº.28 – abril de 2021.

CALLON, Michel, and John LAW. **On Interests and Their Transformation: Enrolment and Counter-Enrolment**. Social Studies of Science, vol. 12, no. 4, Sage Publications, Ltd., 1982, pp. 615–25. Disponível na URL: <http://www.istor.org/stable/284830>. Acesso em 18 de out de 2022.

CALLON, M. **Technological Conception and Adoption Network: Lessons for the CTA Practitioner**. In: Managing Technology in Society (p.307-330). Ed. Rip at all. Pinter. 1995.

COSTA, Lara Valentina Pozzobon da Costa. **Na boca do Estômago – Conversa com José Celso Martinez Corrêa**. In: **Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em Cena**. Org. Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha, Ed. É Realizações, São Paulo, 2011, p. 71-83.

DEL FRATE, Natassia. **'Merda' pra dar 'Sorte'!** Blog Guia do Ator. Disponível na URL: <http://www.guiadoator.com.br/-merda-pra-dar-sorte-col-6944.html>. Acesso em 18 de out de 2022.

DINIZ, Júlio. **Antropofagia e Tropicália – devoração/devocão**. Revista UAI. Diários Associados. Por Jacqueline Saraiva em 07/04/2017 12:09. Disponível na URL: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2017/04/07/noticias-pensar,204762/antropofagia-e-tropicalia-devoracao-devocao.shtml>. Acesso em 18 de out de 2022.

EMBRAPA. **Perguntas frequentes. Como faço pra obter o besouro rola-bosta, a fim de controlar a mosca-dos-chifres?** Respondida em 28 de setembro de 2012. Disponível na URL: <https://cloud.cnpqg.embrapa.br/sac/2012/09/28/gostaria-de-saber-como-faco-pra-obter-o-rola-bosta- pois-no-meu-sitio-os-animais-bovinos-estao-com-mosca-do-chifre-mas-nao-adianta-passar-inseticidas- pois-ha-sitios-vizinhos-que-tem-e-nao-fazem/>. Acesso em 18 de out de 2022.

ESOCITE.BR. **O que teria um antropólogo que estuda os povos indígenas a dizer perante a ESOCITE.BR**. Conferência do Professor Eduardo Viveiros de Castro durante o Simpósio ESOCITE.BR 2015, às 11:00 h do dia 14 de outubro de 2015 no auditório do Roxinho. CCMN. UFRJ. Disponível na URL <https://youtu.be/4o6na2qyeoc>. Acesso em 18 de out de 2022.

ESOCITE.BR. Fórum **10 Anos de ESOCITE.BR: Novas agendas científicas para a sociedade em transformação**. Realizado às 11:00h do dia 16 de outubro de 2021. Disponível na URL: <https://www.youtube.com/watch?v=KJHVQIVYzxQ>. Acesso em 18 de out de 2022.

HARDING, Sandra G. **The science question in feminism**. Ed. Cornell University Press. New York. 1986.

HEINRICH, B., & BARTHOLOMEW, G. A. (1979). The Ecology of the African Dung Beetle. *Scientific American*, 241(5), 146–157. JSTOR. Disponível na URL: <http://www.jstor.org/stable/24965341> <http://www.jstor.org/stable/24965341>. Acesso em 18 de out de 2022.

INSTITUTO TRATA BRASIL. **Ranking do Saneamento com discrepância nos indicadores entre as 100 maiores cidades brasileiras**. OSCIP. Disponível na URL: https://tratabrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/09/Relase_do_RS_2022.pdf. Acesso em 18 de out de 2022.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470993.001.0001>. Disponível em <https://archive.org/details/metaphorsweliveb00lako>. Acesso em 18 de out de 2022.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Trad. Ivone C. Benedetti. Ed. UNESP. Título Original: Science in action. São Paulo. 2000

LATOUR, Bruno. **Você acredita na realidade?** In: **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos de ciência**. Ed. EDUSC. Disponível na URL: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/70-DO-YOU-BELIEVE-IN-REALITY-GB.pdf>. Acesso em 18 de out de 2022. Bauru. 2001.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede**. EDUSC, Bauru. 2012.

LAW, John. **Introduction: monsters, machines and sociotechnical relations**. In: **A Sociology of Monsters: Essays on Power, Technology and Domination**. Sociological Review Monograph 38. Edited by John Law. The Sociological Review. Managing editors: John EGGLESTON, Ronald FRANKENBERG and Gordon FYFE. University of Keele. London. 1991.

LAW, J. **After ANT: complexity, naming and topology**. In: LAW, J.; HASSARD, J. (Eds.). **Actor-Network Theory and after**. London: Blackwell, 1999.

LAW, J. **Traduction/trahison: notes on ANT**. Lancaster: Lancaster University, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Trad.: Tânia Pellegrini. Papyrus, Campinas. 1989.

MARQUES, Ivan da Costa. **Conhecimentos Brasileiros e Antropofagia**. Canal Youtube History of Science. Programa Doutoral em História das Ciências e Educação Científica (DHCEC) no Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra, Portugal. Entrevista gravada em setembro de 2019. Disponível na <https://youtu.be/Ci7D8H6F-yw>. Acesso em 18 de out de 2022.

MATTOSO, Glauco. **JORNAL DOBRABIL**. Editora Iluminuras Ltda. São Paulo. 2001

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade.** In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

NAVEIRA, Olívia Pavani. **Os Annales e suas influências com as ciências sociais.** Revista Virtual de História, São Paulo: Ano III, nº 16, abril / maio 2003. Disponível na URL: http://www.nomads.usp.br/documentos/textos/modos_vida/05_annales/annales.htm. Acesso em 18 de out de 2022.

PAIVA, E. N.; TURCO, C. S. **Reflexões sobre as indisciplinaridades.** Revista Scientiarum História, v. 1, n. 1, p. 7, 5 nov. 2017. https://doi.org/10.51919/revista_sh.v1i1.115. Acesso em 18 de out de 2022.

ROCHA, Marcus Vinícius Celani. **Diversidade de besouros rola-bosta (Coleoptera: Scarabaeidae: Scarabaeinae) em duas unidades de conservação do Cerrado do Brasil Central.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília – UnB. Orientadora: Profa. Dra. Marina Regina Frizzas. Brasília. 2016.

RUFFINELLI, Jorge e ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em Cena.** Orgs. É Realizações Editora, São Paulo, 2011.

SÁ, Xico. **Big Jato.** Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2012.

SHAPIN, Steven and SCHAFFER, Simon, Leviathan and the Air Pump: Hobbes, Boyle and the Experimental Life, Princeton: Princeton University Press.1985.

SILVA, Ricardo José. Aspectos da diversidade de besouros rola-bostas (Scarabaeidae: Scarabaeinae) do sudoeste de Mato Grosso: biogeografia e efeitos da fragmentação e modificações do habitat. Tese de Doutorado em Entomologia e Conservação da Biodiversidade. Orientador: Prof. Dr. Fernando Zagury Vaz-de-Mello. Dourados, MS. UFGD, 2015.

SILVA, Gustavo Augusto Fonseca. **40 anos de Metaphors we live by: considerações sobre a teoria das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson.** Revista de Estudos da Linguagem, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 153-214, jan. 2021. Disponível em doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.1.153-214>. Acesso em 18 de out de 2022.

SIS. **Sistema Nacional de Informações Sobre Saneamento.** Ministério do Desenvolvimento Regional. Disponível na URL: <http://www.snis.gov.br/painel-informacoes-saneamento-brasil/web/painel-esgotamento-sanitario>. Dados de 2020. Acesso em 18 de out de 2022. Brasília. 2021.

SISMONDO, Sergio. **An introduction to science and technology studies.** 2nd ed. ISBN 978-1-4051-8765-7. Ed. Wiley-Blackwell. United Kingdom. 2010.

WOOLGAR, Steve. **Laboratory Studies: A Comment on the State of the Art**. Social Studies of Science, vol. 12, no. 4, Sage Publications, Ltd., 1982, pp. 481–98, Disponível na URL: <http://www.jstor.org/stable/284825>. Acesso em 18 de out de 2022.

THE GUARDIAN. **I'd eat an Indian': rivals seize on unearthed Bolsonaro cannibalism boast**. Matéria do jornalista Tom Phillips de 9 de outubro de 2022. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2022/oct/09/brazil-jair-bolsonaro-cannibalism-boast>. Rio de Janeiro. 2022. Acesso em 18 de out de 2022.

TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL. **Índice de Percepção da Corrupção**. Disponível na URL: <https://transparenciainternacional.org.br/ipc/> Acesso em 18 de out de 2022.

VALÉRIO, J. R.; GUIMARÃES, J. R. Sobre a ocorrência de uma nova praga, *Haematobia irritans* (L.) (Diptera, Muscidae) no Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 417-418, 1983.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O que distingue, para Lévi-Strauss, o pensamento em estado selvagem do pensamento científico**. Entrevista por Carolina Cantarino e Rodrigo Cunha. REVISTA ELETRÔNICA DE JORNALISMO CIENTÍFICO em 10/05/2009. Disponível na URL: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=46>. Acesso em 18 de out de 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia**. Ed. Cosac Naify. São Paulo. 2002.

VONNEGUT, Kurt. **Armagedon em retrospecto**. Editora L&PM. Porto Alegre. 2009.

ZUNINO, M. **Food Relocation Behaviour: a multivalente strategy for Coleoptera**. Advances in Coleopterology. 297-314, 1991.

WENNER-GREN FOUNDATION INTERNATIONAL SYMPOSIUM. **Changing Images of Primate Societies: The Role of Theory, Method and Gender**. 15 a 23 de junho de 1996. Disponível em: <http://www.wennergren.org/history/changing-images-primate-societies-role-theory-method-and-gender>. Eds. University of Chicago Press, 2000. Hotel Rosa dos Ventos. Teresópolis. Brazil. 1996.